

A DOMESTICAÇÃO DE UM TEXTO NÃO TÃO SELVAGEM:
A TRADUÇÃO DA PEÇA *SAVAGES* (HAMPTON, 1974) COMO PROCESSO
DE (RE)POLITIZAÇÃO

*THE DOMESTICATION OF A NOT SO SAVAGE TEXT: THE TRANSLATION OF
THE PLAY SAVAGES (HAMPTON, 1974) AS A (RE)POLITICISATION
PROCESS*



Davi Silva GONÇALVES¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho discute alguns aspectos da tradução da peça *Savages*, de Christopher Hampton (1974). Como intuito principal, proponho uma reflexão acerca das dificuldades encontradas durante o processo tradutório, tendo em vista a distância temporal e espacial dos contextos de partida e de chegada. O referencial teórico escolhido para tal análise literária e tradutória se situa, principalmente, nas discussões propostas por Lawrence Venuti (2002) e Stuart Hall (2003). Aspectos culturais, históricos e políticos se interseccionam na trama de Hampton que, apesar de inglês, escreve sobre o Brasil – aspectos estes que inevitavelmente influenciam diretamente as escolhas tradutórias, tendo em vista a indissociabilidade entre texto(s) e contexto(s). Acredito que a análise e a tradução dessa peça possam contribuir para um maior enriquecimento naquilo que tange o seu debate acerca da extinção indígena, principalmente na região amazônica, do golpe militar de 1964 e do surgimento de organizações de resistência a tal regime. Trata-se este debate do foco principal deste artigo, sendo o “traduzir” muitas vezes sinônimo do “politizar” – em um momento político que carece de diálogo, bem como no qual reina o esquecimento com relação àquilo que o objeto aborda.

Palavras-chave: Tradução Literária. Christopher Hampton. *Savagens*.

Abstract: *This study presents a discussion on some aspects of my translation of Christopher Hampton's play Savages (1974). As the overall objective, I propose a reflection upon some of the difficulties faced during the process of translation, given the space and time distance between source and target contexts. The theoretical framework proposed for this literary and translation analysis is located more precisely within the discussions proposed by Lawrence Venuti (2002) and Stuart Hall (2003). Cultural, historical and political aspects are intertwined by Hampton's narrative – which, even though is an English text, concerns Brazilian interests. Such aspects influence directly the translation choices, due to the text(s) and context(s) correlation. I believe analysing and translating this particular piece might contribute to enriching our views on the annihilation of Brazilian Amerindians, especially within the Amazon, on the military coup in 1964, and the emergence of organisations for resisting such regime. Aware of the fact that “translating” is often a synonym for “politicising”, I deem this the vital purpose of this article – in a political moment that lacks dialogue and wherein oblivion regarding the events my object analyses reigns.*

Keywords: *Literary Translation. Christopher Hampton. Savages.*

Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais. (BELCHIOR, 1976)

1. Introdução: Christopher Hampton

118

O inglês Christopher Hampton (1946) é escritor e diretor conhecido e respeitado, principalmente nos meios teatral e cinematográfico. Graduado na universidade de Oxford, o escritor, que costuma abordar em seus textos temas polêmicos, como colonização, imperialismo, direitos dos indígenas, direitos dos homossexuais, já teve diversos de seus trabalhos traduzidos para outros idiomas, dentre eles: filmes, peças, adaptações e musicais, tendo o próprio também traduzido livros de importância global para a língua inglesa, como *Don Juan*, de Molière. A sua peça *Savages* (HAMPTON, 1974) é a única que é ambientada no Brasil, discutindo temáticas muito caras ao público brasileiro, de maneira crítica e inovadora, sendo também, curiosamente, uma das suas poucas obras que não foram ainda transpostas para a língua portuguesa. Nesse sentido, é interessante notar a maneira incomum e sensata como um inglês, antes dos anos 80, foi capaz de retratar questões extremamente intrincadas. Essas questões até hoje deixam suas cicatrizes numa região brasileira marcada por diversos conflitos e discussões acerca dos caminhos mais plausíveis que se devam trilhar para solucionar problemas que, desde o primeiro contato do homem branco com a região amazônica, não deixam de atormentar os nativos indígenas daquela região. Ainda hoje guerrilhas são formadas em função de desavenças políticas, ainda hoje pessoas são assassinadas por desavenças sociais, até hoje o desmatamento desenfreado permeia a realidade amazônica e a ilegalidade dita às regras em grande parte da região nacional. Até hoje, pasmem, recorre-se ao golpe como solução para insatisfações com políticas sociais. A tradução do livro de Hampton (1974) busca mostrar um Brasil que não se quer enxergar, um Brasil que não se acredita que exista, o Brasil das chacinas de índios, das mentiras daqueles que se colocam na posição de “o outro lado”, o Brasil onde cobra-se menos de 10 dólares para dizimar toda uma tribo.

O retrato multicultural da cultura que a todos abraça é posto em cheque por Christopher Hampton, e é o que se objetiva levar, também, para leitores de língua portuguesa com a tradução da peça que ele escreve e cuja tradução analiso aqui. Por meio da tradução do livro *Savages*, objetiva-se proporcionar aos leitores monolíngues, em língua portuguesa, o contato com a obra por sua importância na abordagem da realidade política e social durante o período do golpe militar, pela perspectiva de um autor estrangeiro. Com isso, os leitores poderão ter acesso a um material que discorre sobre um fato histórico pouco lembrado (como os últimos eventos políticos têm demonstrado) em nossa sociedade e acerca do qual se pensa

ainda com muita superficialidade. Propondo um paralelo entre a chacina de indígenas, o sequestro de um norte-americano por um grupo comunista, os interesses financeiros do governo brasileiro e do exterior, dentre outros temas, Christopher Hampton (1974) cria um texto hipertextual – ou seja, no qual se faz menção a diversas outras fontes. Assim, a compilação de um glossário explicativo ao final da peça traduzida (assim como do ato 3, disponibilizado nessa edição), busca auxiliar o acesso do leitor contemporâneo, dando maior explanação sobre figuras históricas, pessoas reais, cujos nomes são mencionados, e de termos, principalmente os característicos das línguas das tribos autóctones, presentes tanto nas notas anteriores ao texto em si como na narrativa. A metamorfose de questões culturais me parece inerente à manutenção da carga de sentido desta obra, respeitando-se o momento social mais do que o histórico na escolha de palavras na língua portuguesa – isto é, considerando mais o efeito da linguagem utilizada pelos personagens do que a etimologia destas palavras.

1.1. Um novo texto para um novo golpe: A retextualização de *Savages* (HAMPTON, 1974)

A tradução, um hipertexto, é produto da leitura de vários outros trabalhos e da vivência do tradutor (hipotextos) e nunca será um texto sozinho e formado a partir do nada (ARROJO, 1986, p. 73). Daí a importância de situar o texto de Hampton (1974) em seu novo contexto de chegada – o Brasil contemporâneo, este que ainda sofre as consequências do golpe, mas que, por ignorância ou alienação consciente, demonstra pouca sabedoria política. Neste sentido, é necessário ter em mente que aquela inalcançável “intenção do texto original” se pauta, agora, na leitura que faço deste mesmo texto enquanto tradutor dele. Tal processo de re-textualização acarreta os mais variados fatores: alteração do estilo, proposta, linguagem, etc., tendo em vista o projeto de tradução a necessidade de se seguir esse novo caminho traçado por uma nova proposta narrativa, inerente a qualquer processo tradutório. Quem lê um texto o transforma – quem o traduz nada mais faz do que materializar essa transformação. Esta transformação seria inevitável, porque o fato de a obra original se passar no contexto brasileiro não significa que seria possível incorporar na íntegra o contexto sócio-histórico-cultural do Brasil. Além disso, cruciais para o texto são o estilo e pensamento do autor durante a sua escritura – questões vitais, particulares e muitas vezes totalmente inacessíveis para aquele que traduz (e traduz seu próprio texto também com seu próprio estilo e pensamento). A inviabilidade da ideia de “incorporação” da peça de Hampton é evidente,

visto que o tradutor não é o escritor da obra original, e sim da obra de chegada – ele é, epistemologicamente, receptor e intérprete do original e autor e artesão da tradução. Durante tal “artesanato”, não há papel nenhum a ser exercido além daquele de dar forma a esse novo texto – fixar um papel para o tradutor seria fixar também um texto, algo que, além de impossível, me parece pouco convidativo, tendo em vista a atemporalidade da narrativa em pauta.

Porém, além do tempo, a questão do espaço é também um agravante: o que temos é um texto britânico que mistura personagens brasileiros e ingleses discutindo a política nacional e internacional, tendo em vista seu impacto também na cultura indígena. Quem é o leitor deste texto? Não se sabe, também porque “o leitor” não existe – o projeto de tradução idealiza o seu público, mas nunca pode estar seguro de para quem se escreve, assim como a obra, o eu receptor é também fluido e ilimitável. Por outro lado, se existe tanta impalpabilidade no processo tradutório é porque, justamente, é através dele que uma obra se immortaliza (BENJAMIN, 2008, p. 14) – é por conta da irredutibilidade da tradução, de seu caráter transitório e metamórfico, que o original alcança sua sobrevida. Em *Savages* (HAMPTON, 1974) – que traduzo como *Selvagens* – constata-se inclusive a sobrevida dos aspectos geográficos e temporais da peça. A leitura feita por um britânico contemporâneo sobre o livro certamente difere daquela feita pelo brasileiro contemporâneo – mesmo porque, ainda que dois leitores ocupem um mesmo contexto, sua leitura é sempre divergente. Christopher Hampton escreve sua peça em 1974, data um tanto quanto próxima dos acontecimentos do livro – e a língua utilizada no contexto local em si já se modificou consideravelmente da década de 60 até a atualidade. Cabe ao tradutor fazer uma opção entre qual padrão de linguagem usar – o que influencia, também, na estética da recepção. A linguagem padrão da época em que a história é retratada, caso sofresse uma mera manutenção sintática, poderia causar uma certa sensação de estranhamento que um leitor da época não teria. Outrossim, é preciso ponderar sobre a questão semântica versus a questão sintática, tanto na análise da narrativa quanto nas escolhas de tradução. Tal questão dialoga com a reflexão feita por Walter Benjamin (2008, 9. 32) sobre a questão da forma, quando o autor sugere como função do tradutor aquela de re-poetizar. Para alcançar isso, o tradutor deve buscar uma inalcançável língua pura – onde original e tradução se fundiriam. Ou será que não deve?

1.2. Aparato teórico: A identidade, o estrangeiro e o resíduo da tradução

Como demonstra a análise que segue, apesar de ser um escritor inglês, Christopher Hampton (1974) mergulha fundo nos eventos que antecederam, seguiram e circundaram o golpe militar no Brasil. Através de uma narrativa que se constrói permeada por tal atmosfera, *Savages* (HAMPTON, 1974) discute a implantação forçada do sistema capitalista no modelo estadunidense em comunidades que não pediram por ele. Assim, o autor nos traz uma ficção que se confunde com a realidade, com os sequestros, as movimentações que tentaram medidas extremas para resistir àquilo de que hoje parecemos já não sentir falta. Humanizando os indígenas brasileiros e animalizando o homem branco, a peça sugere que o nosso instinto selvagem estaria associado mais a nossos interesses e ambições hegemônicas do que à falta de acesso aos bens de consumo. As nações representam, desde sempre, uma busca por unificar-se um grupo de pessoas em uma comunidade imaginária (ANDERSON, 1996). Entretanto, a meu ver, alcançar algo similar ao que Stuart Hall (2003, p. 53) chama de “grande família nacional” seria muito mais prático se feito através da disseminação artística e literária, com a criação de várias possíveis identidades literárias, com o advento de traduções de obras que podem cumprir alguma função social (além de simplesmente vender), do que através de jogos de futebol ou desfiles de carnaval, que nada fazem pela variedade cultural do país. Por isso muito me interessa quando Stuart Hall (2003) fala sobre os jogos de poder, as divisões, contradições, sobreposições que ocorrem não só entre uma nação e outra, mas também dentro das diversas nações menos favorecidas que existem dentro daquelas de mais destaque social. Na narrativa de Hampton (1974), essa crítica se materializa nos diálogos entre ingleses, rebeldes e nativos. A cada capítulo, o significado das palavras é apresentando ao véu de seu contexto político – e aqueles que não tiveram o desprazer de enfrentar um golpe de estado (mas agora têm) podem compreender melhor suas acepções conforme a trama se desenvolve.

Nesse sentido, apesar de sua evidente relevância sociopolítica na contemporaneidade, o fato de que o livro de Hampton (1974) ainda carece de uma edição traduzida no Brasil não chega a surpreender. Isto porque, espremida entre tantos interesses, o acesso à literatura estrangeira é reduzido “ao status de publicações domésticas efêmeras [...]. O critério da editora em relação ao texto estrangeiro é principalmente comercial, até mesmo imperialista, uma exploração conduzida pela análise do mercado nacional” (VENUTI, 2002, p. 236). Como resultado, o tradutor fica nesse “entre-lugar”, tendo que conciliar os interesses financeiros da editora com o seu papel enquanto formador de opiniões. Esse balanço dificilmente é feito com

sucesso. É impossível atrelar lucro imediato com a verdadeira proposta da arte e, sendo assim, acabamos lendo traduções de uma literatura estrangeira que só entrou em nosso idioma porque foi capaz de gerar lucro para as suas e as nossas editoras, mas que, provavelmente, não está entre as obras mais relevantes (em termo de formação crítica) da sua cultura de origem. Tal fator desmistifica a perspectiva da globalização capitalista como ferramenta de disseminação de culturas, como criadora do chamado “*melting pot*” – conceito problematizado também por Hall (2003). Afinal, esse número imenso de obras de diversas nações dentro de um único país não ocorre porque tem existido um maior acesso ao estrangeiro e maior respeito pela cultura do outro, mas sim porque estamos mais capazes de assimilá-los a uma cultura hegemônica – fator que dialoga com a minha análise da fala de Kumai (HAMPTON, 1974, p. 70). Essa assimilação ocorre justamente porque a literatura que, no geral, é trazida para o contexto de chegada tende a não ser tão estrangeira “a ponto de abalar o status quo doméstico: o processo de produção, da edição e tradução, à publicidade e marketing adapta o texto para o consumo de massa ao voltar-se apenas para os valores dominantes da cultura doméstica” (VENUTI, 2002, p. 294).

122

Assim, na contramão dos interesses do mercado, a análise que segue, tanto da narrativa quanto das minhas escolhas tradutórias ao verter *Savages* (HAMPTON, 1974) para o português brasileiro, evidencia o quanto seria impossível atribuir sentido ao texto que disseco através da exclusão de fatores “externos” como cultura, política e história. Desde a escolha dessa obra – que, em sua cultura de origem nunca chegou a fazer sucesso tremendo, provavelmente em função da própria narrativa, por demais politizada, e que tenta polemizar e mostrar o lado desumano da globalização. Também curioso é o fato de que a peça tampouco chegou a ser traduzida para a língua portuguesa (apesar de já ter sido ao menos montada em Portugal), fato que também acreditamos estar relacionado aos problemas que a crítica de Hampton (1974) poderia causar na época. Assim, lidando com uma obra que seria muito provavelmente censurada na cultura de chegada, caso editada quando de sua produção, se torna claro o fato de que o tradutor não desempenha papel passivo ao transmitir o que Venuti (2002) chama de “resíduo” da obra. Durante a propagação desse resíduo, que surge através do fazer tradutório, o tradutor precisa estar ciente de seu papel ético, tanto na escolha do texto que traduz quanto na maneira que o traduz. Literatura invoca dever e autocrítica, e, ao traduzir, tento cumprir com essa função ética que, sabe-se, cabe tanto ao autor quanto ao tradutor. Segundo Venuti (2002, p. 60), a insistência na ideia da tradução como isenta de

juílgamentos de valor a impede de se livrar das amarras da passividade; “os tradutores empreenderão diversos projetos, alguns que requerem aderência à língua maior, outros que requerem uma subversão minorizante”. Ora, se para Hall (2003, p. 11) nossa identidade é constituída através de um “diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” e para Venuti (2002, p. 294) a tradução tende a ser preterida quando não se prova subserviente aos “valores dominantes da cultura doméstica”, é inegável o surgimento de um paradoxo. Existimos apenas quando colocados em contato com aquilo que nos é estrangeiro, ao mesmo tempo em que este estrangeiro ameaça nossa existência. Parto principalmente da reflexão desses dois teóricos, portanto, para uma elaboração mais aprofundada desse paradoxo dentro da obra de Hampton (1974), identificando a relevância do “Outro” que ele constrói para a rearticulação do “Eu” que com ele interage.

2. Discussão: “Não se pode cobrir o sol com apenas um dedo”

O conceito de resíduo da obra e de sua tradução, articulado por Venuti (2002), está em consonância com o fato de que a busca pela língua pura, sabe-se hoje, carrega uma carga consistente de utopia. Processos tradutórios destacam não a pureza linguística, mas sim o seu hibridismo – a tradução resulta mais na anulação da ideia de essência do que em sua sustentação. Stuart Hall (2003) defende que, no ato de identificação cultural, emerge uma contradição identitária (2003, p. 47), responsável por dispor caminhos distintos que possuem apenas ponto de partida. A determinação de um molde inflexível, de uma língua pura onde a essência seria alcançada, impossibilita o fazer tradutório. Toda essa discussão teórica se evidencia de forma interessante na peça *Savages* (HAMPTON, 1974), em função do próprio enredo da obra. A referência feita pelo título pode parecer, em um primeiro momento, estar se direcionando aos nativos descritos ao início do texto. O adjetivo “selvagens”, entretanto, carrega também uma carga pejorativa, como sinônimo para a palavra “cruel” – o que faz com que o leitor tenha que se perguntar, mediante o decorrer da narrativa, se de fato os selvagens são aqueles que ele imaginava ser (ou se não seriam os personagens supostamente “civilizados”). O leitor brasileiro contemporâneo também se situa nas divisões abarcadas por antagonismos sociais, eufemismos, segregações, manipulações e exageros de conservadores e neoliberais – aqui se encontra o indivíduo, completamente confuso diante da posição que ocupa, mas sem saber exatamente onde está a linha que divide a barbárie da civilização. Hall (2003, p. 69) defende que esse sujeito acredita estar ciente do funcionamento dos

antagonismos, porque de fato acredita neles e, se pensarmos bem, essa visão do nativo, essa ideia do indígena, é uma forma natural de segregar o “outro”, de pré-conceber esse outro como inferior, baixo, negativo, “selvagem”. Christopher Hampton (1974) desconstrói essa perspectiva ao confundir a percepção do leitor, ao fazê-lo notar que mais selvagem que o nativo é o homem branco que o explora.

124

É importante que o tradutor mantenha essa ambiguidade conceitual, essa névoa que confunde a perspectiva binária que existe entre os personagens – dando forma a novos personagens que atravessam fronteiras geográficas entre Inglaterra e Brasil e fronteiras temporais, entre o golpe militar e a contemporaneidade. O leitor de hoje não é o mesmo de ontem e, por isso, as portas que dividem culturas podem estar tanto abertas quanto fechadas – tudo depende da habilidade de que se possa reconhecer a multiplicidade e a relatividade que pulula entre elas. Tanto Hall (2003) quanto Hampton (1974) questionam (o primeiro teoricamente e o segundo narrativamente) a ideia dos interesses políticos da “nação”. Se Hampton nos mostra as tribos indígenas como ricas produtoras culturais, os grandes fazendeiros como os verdadeiros vilões de muitas das chacinhas que recheiam nossa história e os rebeldes como conscientes de suas ações e munidos de um grande embasamento político para suas atitudes, ele nos mostra uma nação que nos recusamos a enxergar dessa forma, pelo menos institucionalmente. A nossa “nação”, nossa “pátria” moldou a história para nós de uma forma um pouco distinta, nos deu o estatuto do índio, escrito por brancos, o dia do índio, comemorado nas escolinhas dos brancos, onde as crianças se vestem como nativos exóticos com penas de plástico e todo mundo se diverte enquanto finge acreditar que está fazendo parte dessa grande festa cultural que é o nosso país (mais multi-hipócrita do que multicultural). Hall (2003, p. 81) fala em defesa dessas culturas locais dizimadas, mas celebradas, e questiona a unidade nacional. De fato, o Brasil de uns não é o Brasil de outros. Como evidenciam as guerrilhas, os nativos e os embates da narrativa de Hampton (1974), essa “cultura nacional” é apenas um grande emaranhado de realidades distintas que se chocam e que são, muitas vezes, silenciadas em função de uma política que tem sido a grande engolidora de comunidades interpretativas, na tentativa de uniformizar e assimilar o “outro”, oferecendo a ele a máscara de periferia da globalização.

2.1. Tradução: A “aldeia global”

Em vias de adentrarmos a análise da literatura de Hampton (1974) e de sua tradução, vale lembrar que a tradução de peças teatrais exige, por parte do tradutor, uma postura específica, tendo em vista a linguagem particular de cada personagem. De fato, a personalidade, a nacionalidade e até o posicionamento político daqueles que compõem o enredo de *Selvagens* (1974) influenciam diretamente a maneira como eles se comunicam – e tal fator não pode ser deixado de lado por quem verte a narrativa do inglês para o português. Os excertos que são destacados e analisados a seguir fazem referência à fala de apenas três dos diversos personagens da obra: Carlos, Pereira e Kumai. A escolha por discutir neste artigo a linguagem de uma parcela tão ínfima dos personagens se dá tendo em vista a complexidade de sua caracterização, que exige cuidado e atenção. Expondo alguns dos momentos que precisam ser citados para justificar as escolhas tradutórias, minha análise opta por manter o foco mais preciso, já que o tempo e espaço que atravessam a produção de um artigo científico exigem um recorte da totalidade desse trabalho. Obviamente, a identificação dos personagens ocorre dependendo da situação na qual eles se encontram, não sendo possível uma leitura dessas identidades anterior à análise da narrativa ou retirando-os do contexto e separando-os um dos outros. Isso porque é justamente através desse diálogo com o contexto que as suas identidades de fato se formam e modificam. Afinal de contas, segundo Hall (2003, p. 11), “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito [...] é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. No caso dos personagens Carlos, Pereira e alguns índios Kumai, cada caso de sua aparição e manifestação é carregado por uma idiossincrasia distinta, mas que se repete com bastante frequência durante a estória, acabando por marcar as suas principais características, como se pode ver a seguir:

125

<i>PEREIRA: O.K. / I feel fine. / Look at it this way. / Those Indians are on valuable land / Sitting there doing nothing / And sometimes they can be hostile. / There's no way you can move them out / So what else can you do? / To be honest I was quite looking forward to it. / Made a change. / And then there was the money of course. / I know it probably seems wrong to you / But to us it's just like going hunting; / You see we're taught to think of</i>	PEREIRA: Normal. / Me senti bem. / Veja desta forma: / Aqueles índios estão em terra valiosa / Sentados lá sem fazer nada / E às vezes eles são meio hostis. / Não existe nenhuma forma de fazer com que eles se mudem pra outro lugar. / Então o que podíamos fazer? / Pra ser sincero eu mal esperava por aquilo. / Dar uma variada. / E havia o dinheiro, é claro. / Eu sei que pra você parece errado. / Mas pra nós é como se
--	--

them as animals. / At least that's what the boss always calls them. / Animals. / He asked us to bring back a couple for him. / He likes to take them for what he calls / The trip to the dentist. / Open wide he says. / Say ahh he says. / Then he puts his pistol into their mouths / And blows their brains out. / Myself I'm a very good shot. / That's why I was chosen. (HAMPTON, 1974, p. 44)

tivéssemos ido caçar; / Entenda, nós somos educados pra olhar pra eles como se fossem animais. / Pelo menos é desse jeito que o patrão se refere a eles. / Animais. / Ele falou pra gente trazer alguns pra ele. / Ele gosta de levá-los pro que ele chama de... / O passeio pro dentista. / Me mostra a bocona ele manda. / Diga ahh ele manda. / Então ele enfia a pistola dentro da boca deles / E explode a cabeça deles. / O que tenho de bom mesmo é a minha pontaria. / É por isso que fui escolhido. (HAMPTON, 1974, p. 44)ⁱⁱ

126

Aqui vemos falar o personagem Ataíde Pereira, um dos frios mercenários – dentre as centenas – que foram contratados para exterminar os índios que atrapalhavam (e continuam a atrapalhar) a total materialização dos interesses hegemônicos na região amazônica. Durante seus diversos diálogos com o investigador Ataíde, Pereira conta sua estória e nos mostra o quão pouco se importa com as vidas dos índios, assumindo uma postura alienada e despreocupada, de certa forma personificando todos aqueles que eram capazes de tratar os nativos como animais, vendo no seu sangue apenas o dinheiro que receberiam como recompensa pelo seu “trabalho”. Sendo assim, a informalidade do excerto “*Made a change*”, que não traz sujeito nem uma construção frasal formalmente apropriada, assim como a brutalidade da sentença “*Then he puts his pistol into their mouths and blows their brains out*”, que explica como os índios eram mortos, foram escolhas do autor para moldar o personagem. O tradutor, por sua vez, não poderia desconsiderá-la^s – e foi justamente o que busquei não fazer. O fato de, em vez de utilizar frases como “mudar de ares”, “para variar um pouco”, optar por “dar uma variada”, no primeiro trecho italicizado, exemplifica o intuito de manter a informalidade trazida no texto de origem. Quando Pereira diz: “então ele enfia a pistola dentro da boca deles e explode a cabeça deles”, tento manter não só a agressividade na fala do personagem como também faço a repetição da palavra “deles” – que acaba sendo uma marca da oralidade. É importante lembrar, aqui, que se trata da oralidade de um homem simples, o que é também parte de sua identidade e seria perdido no caso de uma tradução como “então ele enfia a pistola dentro da boca deles e explode suas cabeças”.

Nesse sentido, algo interessante acontece na caracterização do personagem Carlos, “antagonista” – se é que podemos chamá-lo assim – que, com seu grupo de rebeldes, sequestra West e estabelece com ele uma relação curiosa, às vezes de amizade, às vezes de

GONÇALVES. *A Domesticação de um Texto não tão Selvagem: A Tradução da peça Savages* (HAMPTON, 1974) como Processo de (Re)politização. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2017.

ódio, que termina com a morte dos dois, West nas mãos de Carlos e Carlos nas mãos da polícia. O que chama a atenção nesse personagem é que, apesar de um rebelde, sequestrador e autor de diversos outros atos de violência, trata-se de um intelectual bastante politizado e ligado aos ideais socialistas, leitor de diversos livros e idealista de conhecimento inquestionável. Em um dos diálogos entre Carlos e West, o primeiro diz o seguinte: “CARLOS: Sabe, talvez a gente não saia impune disso, mas não importa, existem muitos outros que podem concluir nosso trabalho. Eles se esforçam bastante, mas não se pode cobrir o sol com apenas um dedo. Carlos Marighela” (HAMPTON, 1974, p. 43). Sua caracterização e até a empatia que é capaz de estabelecer com o leitor problematizam a noção de “bom” e “mal” como entidades puras, estanques e de fácil dissociação. Para bem re-caracterizar esse personagem e compreender a construção de sua identidade mais plausivelmente, é preciso deixar os estereótipos que criamos a partir, por exemplo, daqueles que cometem atos chamados terroristas. É como se Carlos estivesse cercado por outros rebeldes que não possuem essa mesma sabedoria, mas que se ligam a ele pelo interesse mútuo em derrubar o governo. À luz de Hall (2006, p. 21), “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática. Ela tornou-se politizada. Esse processo constitui uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença”.

127

Dessa forma, o personagem possui o hábito de, durante suas colocações – isso, muitas vezes, com certa arrogância –, trazer uma citação ou frase de algum teórico, político ou escritor importante para o momento histórico. Além de essa sua característica dar concretude ao que fala, ela mostra também que não estamos lidando com um mero rebelde desconhecedor do mundo que o cerca. Uma dificuldade que tal fato acarreta para o tradutor, entretanto, é a de que nomes significativos para o inconsciente coletivo dos leitores de 1974 – ano de publicação do livro original – acabam por perder muito de sua carga com o passar dos anos e conforme nos distanciamos do momento histórico que a estória enfoca. Sendo assim, optamos por manter tais citações, trazendo no glossário anexado ao final do livro traduzido os nomes, eventos e situações citadas, brevemente contextualizadas, mantendo a carga política da obra e propondo ao leitor do texto traduzido a possibilidade de se aprofundar mais nos temas abordados. A frase citada por Carlos no último trecho de *Savages* (HAMPTON, 1974), “não se pode cobrir o sol com apenas um dedo”, teria sido supostamente dita por “Carlos Marighela” – que ele referencia ao final de seu monólogo. Marighela, guerrilheiro assassinado

no ano de 1969 – cinco anos antes de Hampton escrever *Savages* (HAMPTON, 1974), mas quase meio século antes de o traduzirmos – é, seguramente, um exemplo claro de um desses casos nos quais notas explicativas surgem como uma alternativa interessante. A nota proposta no que tange esse importante nome seria como segue: “Carlos Marighela (1911 - 1969): político e guerrilheiro baiano que ajudou a montar a luta armada contra o regime militar desde o golpe de 64. Após diversas fugas, finalmente, em 1969, uma emboscada de agentes do DOPS, em São Paulo, resultou no assassinato de Marighela”. Por mais que Marighela seja um nome de extrema importância para o contexto histórico brasileiro, uma breve nota acerca dele garante que tal nome não passaria, de forma alguma, em branco.

Parto daqui para o último relato que proponho analisar, que concerne às falas do índio Kumai. A problemática que é agora abordada se distancia um pouco mais dos casos de Carlos e Pereira. Apesar de a mesma preocupação para caracterização e construção da identidade do personagem, temos aqui um caso em que a problemática parte para um lado mais fonológico de sua fala, já que quando ele tenta se comunicar com dois outros personagens ele o faz hesitante e montando palavras confusas (uma dificuldade linguística). Essas palavras, pouco a pouco, passam a fazer sentido para Penn e West, após esforço especial de Penn – acostumado em se comunicar com nativos – para compreender a mensagem que Kumai tenta transmitir. As dificuldades que o nativo enfrenta para dizer as palavras “*English*” e “*Nobby Stiles*” são evidenciadas através da manifestação das palavras sem sentido claro, mas fonologicamente associadas às palavras inglesas, que são “*Ingiss*” e “*Nobistai*”. Para traduzir esse trecho, quando alteramos a língua na qual ele tenta se comunicar para um referencial fonológico em português, temos também que adaptar as suas tentativas frustradas de estabelecer comunicação para “erros” que estejam associados à pronúncia dessas mesmas palavras agora na língua de chegada. Portanto, para fazer referência à palavra “*Inglês*”, Kumai diz, na minha tradução, a palavra “*Gleis*”. Quando, após compreendida a palavra “*inglês*”, o índio ainda tenta dialogar a respeito de Nobby Stiles, jogador inglês famoso principalmente nos anos 70 – motivo pelo qual se trata também de um nome que é trazido no glossário – vemos que, além dessa conversa confusa e inocente, existe também uma referência do autor ao processo de globalização (para não dizer assimilação) pelo qual esses índios vinham passando.

“ <i>Kumai: Ingiss. / West: Erm... / Kumai: Ingiss. / West: Yes, that’s right, English [...].</i> ”	“ <i>Kumai: Gleis. / West: eh... / Kumai: Gleis. / West: Sim, isso mesmo, inglês [...]. Kumai:</i> ”
---	--

<i>Kumai: Nobistai... Ingiss. / West: Oh, I see! / Penn: What? / West: Nobby Stiles, he is trying to say Nobby Stiles. / Kumai: (Nodding proudly): Nobistai”</i> (HAMPTON, 1974, p.60).	Nobistai... Gleis... / West: Ah, entendi! / Penn: O quê? / West: Nobby Stiles. Ele está tentando dizer Nobby Stiles. / Kumai: (Concorda orgulhoso): Nobistai” (HAMPTON, 1974, p.60).
---	--

Coerente com a crítica que faz Stuart Hall (2003, p. 53) sobre a ilusão de uma grande família nacional, bem como a descrição que Anderson (1996) já havia feito sobre a nação como uma comunidade imaginária, temos aqui uma evidência literária extremamente cabível a respeito da globalização como levada a cabo pelo viés capitalista, processo também colocado em cheque pela argumentação que Venuti (2002) faria anos depois da publicação das obras dos teóricos citados previamente. É de se perguntar como um nativo, em uma região até aquele momento tão pouco povoada, não compreendendo coisa alguma acerca da industrialização pode ter conhecimento acerca de um jogador de futebol de uma nação tão distante. Trata-se de um processo que sempre ocorreu com os indígenas brasileiros que, dificilmente, são capazes de manter os hábitos e rituais que cultivavam antes de serem inseridos na “civilização”. A globalização se dá enquanto a cultura de um é infiltrada na cultura do outro, sem que esse segundo perceba nem entenda, em geral, suas reais motivações, estando ele alienado e em condições que lhe forcem a enxergar apenas o lado “mágico” desse processo. Devido ao crescimento tecnológico, que auxilia o processo de assimilação global, as identidades culturais se tornam incapazes de fechar os olhos para essa influência que vem de fora – e, assim, a cultura do supostamente “mais fraco” é ainda mais enfraquecida pelo supostamente “mais forte”. Bombardeando o mundo com infiltração cultural – que logo se traduz em infiltração mercadológica – a narrativa hegemônica conquista subjetivamente os espaços que já conquistou fisicamente. Assim, aqueles que vivem em locais aparentemente fechados, remotos e inalcançáveis (como os indígenas que permeiam meu objeto de análise e tradução), inevitavelmente acabam por receber “mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à ‘aldeia global’ das novas redes de comunicação” (HALL, 2003, p. 74).

129

3. Considerações finais: “Uma subversão minorizante”

Concluído o meu projeto, no que concerne às escolhas relacionadas a aderência ou subversão no texto de chegada, devo dizer que acredito ter produzido uma tradução

equilibrada, na qual os leitores dificilmente terão grandes dificuldades para compreender a obra, mas que tampouco o poderão fazer acriticamente. A elaboração de um glossário com dezessete palavras para contextualizar a atmosfera política e social que permeia a narrativa se dirige àqueles que talvez se interessem por essas informações extras. A leitura, análise e tradução de *Savages* (HAMPTON, 1974) me convence de que se trata de uma obra de enorme carga cultural e política, que coloca em cheque a narrativa hegemônica que adjetiva como “selvagem” o guerrilheiro, militante de esquerda, indígena, etc., enquanto coloca em um pedestal os representantes dos interesses imperialistas. Obviamente, traduzir esse texto é gratificante naquilo que concerne à função de formação do cidadão crítico, já que, como tradutor, posso acreditar estar fazendo alguma diferença nesse sentido, como acho que faz o autor da obra original. Quando West diz a Carlos: “Eu sei que você entende os problemas. A questão é que não acredito que você tenha as soluções” (HAMPTON, 1974, p. 75); o brasileiro responde, ironicamente: “O seu tipo acredita no que tem. Os ricos acreditam em dinheiro, os inteligentes em inteligência, os poderosos em poder, o exército em força, a igreja em moralismo. Mas vocês não podem esperar mesmo que os famintos comecem a acreditar em fome” (HAMPTON, 1974, p.75). Ferrenha, porém acertada, é mesmo de se questionar o porquê dessa crítica nunca ter sido publicada em português. Triste pensar que a literatura se tornou refém dos interesses do mercado, nem sempre (para não dizer “nunca”) confiável. Aos poucos, o papel da arte e cultura como formadora de caráter, como uma ferramenta política, como provedora de ideais, aos poucos vai sendo apagado e substituído por um mero prazer vazio e alienante, simplesmente porque se trata do caminho mais lucrativo.

Quando se pensa que o livro de Hampton (1974) foi escrito no início da década de 70 é importante que tenhamos em mente que as questões as quais ele levanta estão longe de serem resolvidas, muito menos se esperarmos por um processo que não seja o de “achatamento cultural”. É inclusive essencial situarmos a obra em nosso momento histórico e político – degradante, diga-se de passagem, já que nele revivemos um processo que foi sempre inadmissível, mas para o qual, hoje, inexistem desculpas. Muito daquilo que Hampton traz em *Savages* (1974) pode, de fato, ser repensado na contemporaneidade, momento onde não somente continuamos a ter ainda um problema sério no que diz respeito à maneira capitalista de dominação de terras e populações como também optamos por reviver o absurdo do golpe antidemocrático – sendo o apreço pelos militares algo compartilhado pela maioria conservadora da população, que nada aprendeu com nossa história. A epígrafe deste artigo,

inclusive, presta uma homenagem ao cantor Belchior, que faleceu este ano após ter retornado ao Brasil somente para ver o país cair novamente na desgraça de um golpe de estado, contra o qual muitos de nós pensávamos já estar vacinados. Algumas de suas composições, como aquela que utilizo aqui, parecem ter premeditado essa nossa alienação, nosso rápido esquecimento, talvez ironizando nossa postura blasé com relação à política, talvez como sinal de alerta. Não adiantou. De uma forma ou de outra, o que temos hoje é um cenário no qual os abusos da política nacional não foram superados, suprimidos ou derrotados – eles estão logo ali nos arredores do texto, e lá devem permanecer. Em um mundo doente, falamos de integração dos indígenas na sociedade sem notar a hipocrisia que permeia tal discurso, sem notar que o mundo que os integra já está, em si, se desintegrando. É o capitalismo selvagem que quer domesticar, é a falta de democracia querendo democratizar.

Do meu ponto de vista, a cultura particular de cada comunidade indígena não está sendo aceita pelos processos de globalização – ela está sendo assimilada para ser posteriormente dizimada, e isso acontece sem que percebamos a gravidade de tal processo. Quando a esposa de West diz a ele que, cedo ou tarde, os índios precisariam ser “integrados”, ele questiona a acepção de tal termo: “WEST: Tudo o que dizem ao afirmar que os índios devem ser integrados é que os índios devem abrir mão de suas terras e de um modo de vida totalmente harmonioso e autossuficiente para se tornarem escravos de escravos” (HAMPTON, 1974, p. 38). Ainda é possível encontrar realidades como esta, de indígenas ou descendentes de indígenas trabalhando em regime de semiescravidão, só recebendo da globalização o que ela tem de pior a oferecer, como álcool, drogas e doenças responsáveis (direta e indiretamente) por seu extermínio. Trata-se dessas questões não de especulações, mas de dados estatísticos que mostram como, aos poucos, essas comunidades vão se apagando frente à assimilação hegemônica. Entretanto é através de trabalhos como o de Christopher Hampton (1974) que podemos ter a esperança de enxergar nessa velocidade do mundo tecnológico e uniformizador tudo o que ela traz de negativo. É talvez através da literatura que podemos refletir e repensar nossos valores e prioridades, nos reposicionarmos frente ao mundo através de escritores e, conseqüentemente, tradutores que foram capazes de exigir mais de si mesmos do que puramente o que esperam deles.

A noção de literatura idílica é, ao menos para mim, incabível – é preciso historicizar o passado descrito por *Savages* (HAMPTON, 1974) em nosso presente pouco atencioso, para que os erros que estamos cometendo novamente possam ser remediados no futuro utópico que

eu ainda almejo. Em regimes de colonização e neocolonização a tradução passa a exercer funções as mais diversas e imprevisíveis, podendo dar espaço para que o discurso hegemônico sofra manutenção, ou para que vozes periféricas também adentrem a arena epistemológica durante a formação do cânone local. Ao colonizado, Hampton (1974) permite algum espaço reflexivo que evita a tão comum adulteração histórica e evidencia os estereótipos discriminatórios que a narrativa imperialista a ele impuseram. Finalizo minha discussão lembrando, portanto, de uma fala de Venuti (2002, p. 320) responsável por nos lembrar do quanto é eficaz a tradução em exacerbar as tensões do discurso colonial. Isso porque, através dela, “o movimento entre as línguas coloniais e nativas pode reconfigurar as hierarquias culturais e políticas entre elas, desestabilizando o processo de formação de identidade, a imitação dos valores hegemônicos na qual a colonização se baseia”. É justamente esta função que intento aqui desenvolver, com a leitura, análise e pesquisa advinda desse projeto tradutório. Espero tê-lo feito com sucesso, e que a possível publicação dessa tradução na íntegra possa vir a contribuir para a formação crítica de seus potenciais leitores brasileiros contemporâneos – da mesma forma que contribuiu para a minha.

132

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: New Left Books UK, 1996.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1986.

BELCHIOR, Antônio Carlos. *Como nossos pais. Alucinação*. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG. 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2003. 7ª ed. ou reimpressão.

HAMPTON, Christopher. *Savages*. UK, London: Faber & Faber, 1974

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Traduzido por: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino, Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. 396p.

RECEBIDO EM: 15 de dezembro de 2016

ACEITO EM: 03 de maio de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

i Davi Silva Gonçalves – Doutor (2017) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Mestre em Letras – Inglês e Literatura Correspondente (2014) pela mesma universidade. É bacharel em Tradução (2011) pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e licenciado em inglês (2010) pela mesma universidade. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4264535213871108> E-mail: gdavi1210@gmail.com

ii A tradução de *Savages* (HAMPTON, 1974), realizada sob a orientação da Professora Doutora Rosa Maria Olher como projeto para avaliação parcial do estágio supervisionado do curso de bacharelado em tradução da Universidade Estadual de Maringá, em 2011, ainda não foi publicada. Todos os trechos da peça traduzidos aqui o foram por mim.